

# *Rastreando memórias femininas, reconstituindo histórias de leitoras\**

Lilian Maria de Lacerda  
Rede Municipal de  
Ensino de BH-MG

## *Resumo*

Este artigo discute alguns aspectos centrais do projeto *Álbum de leitura: memória de vida, histórias de leitoras*. Através deles é objetivo construir um panorama da investigação e problematizar algumas questões do seu itinerário teórico e metodológico: as fontes históricas, as práticas de leitura e os percursos da análise.

Palavras-chave: leitura, práticas culturais, Sociologia da Leitura, História da Leitura, História e Literatura, memória e gênero.

## *Abstract*

This article discuss some central aspects of research *Scrapbook of reading: memorie of life, history of readers*. Across this the principal target is to build a panorama of the investigation, several problems about questions of your route theoretical and methodology: historic source, training of readers, and the routes of analysis.

Key words: Reading, Cultural practices, Sociology of Reading, History of Reading, History and Literature, Memorie and Gender.

---

\* *Este artigo foi produzido a partir do trabalho de investigação na linha de pesquisa Educação e Linguagem, do curso de Doutorado da Faculdade de Educação da UFMG.*

### ***Puxando o fio junto às histórias femininas***

A proposta que mobilizou o desenvolvimento desta pesquisa foi estruturada a partir do interesse em investigar, no campo da Educação, algumas questões acerca da leitura, sua história e suas práticas sociais no passado remoto.

Procurei resgatar os processos de constituição de leitoras, ou seja, reconstituir os processos, fatores, condições, instâncias, sujeitos e instituições que participaram, intervieram ou influenciaram na formação de um grupo de mulheres-leitoras. Para tanto, detive-me nas histórias de vida e de leitura de mulheres brasileiras, natas ou naturalizadas, provenientes de diferentes regiões do país e com diferentes experiências socioculturais. Essas histórias pessoais foram identificadas a partir do levantamento e análise de um universo de obras autobiográficas, de autoria feminina, e publicadas entre 1893 e 1998, num total de noventa títulos literários.

Para a localização desses testemunhos tomei como ponto de partida o rastreamento realizado por Maria José M. Viana, em sua dissertação de Mestrado: *Do sótão à vitrina: memórias de*

*mulheres*.<sup>1</sup> Essa pesquisa permitiu minha aproximação com oitenta e uma obras de caráter memorialístico produzidas por mulheres.

O trabalho desenvolvido pela pesquisadora constitui-se como um marco importante, tanto para a historiografia sobre a mulher, quanto para a história da literatura brasileira. Ele, ao lado de outros estudos produzidos na década de 80, denuncia o apagamento social e histórico das mulheres brasileiras, inclusive, na escrita oficial da história. Além disso, revela a potencialidade documental desse tipo especial de literatura, dada a riqueza das lembranças e dos conteúdos privilegiados pela memória feminina.

A partir do mapeamento realizado por Maria José, acrescentei outros títulos autobiográficos, o que permitiu reunir um total de noventa livros, todos de autoria feminina. Foi necessário, no entanto, submeter essa produção literária a outros tratamentos de interpretação, já que meu interesse de investigação diz respeito aos

---

<sup>1</sup> Essa dissertação foi apresentada ao programa de Pós-Graduação da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais (FALE—UFMG), em 1991, como parte dos pré-requisitos para a obtenção do título de Mestre em Literatura Brasileira. Publicada, em 1995, em livro pela Editora da UFMG, com o título *Do sótão à vitrine: memórias de mulheres*.

processos de formação das leitoras, ou seja, a reconstituição das condições familiares, sociais, escolares e culturais que atuaram a favor das mulheres enquanto leitoras.

Nesse sentido, acabei organizando essa produção de noventa títulos autobiográficos em três subgrupos distintos. O primeiro deles compõe-se de vinte e quatro livros. Nesses registros femininos as lembranças pessoais não se detêm a informações ligadas às experiências femininas com a leitura e, por isso, foram desconsiderados como objetos de interesse neste estudo.

O segundo subgrupo refere-se às experiências de leitura, aos gostos e preferências literárias e às práticas das mulheres como leitoras. Nele estão reunidos trinta e um livros, porém todos eles dizem respeito à trajetória de leitura das leitoras adultas e não revelam pistas acerca de seus processos de formação como leitoras desde a infância.

O terceiro e último subgrupo abrange trinta e cinco títulos autobiográficos. As experiências de vida e de leitura narradas nesses livros trazem pistas, sinais e informações que me permitiram reconstituir os processos de formação das mulheres como leitoras.

Dentre os trinta e cinco títulos de potencial interesse à minha investigação, procurei selecionar uma amostra menor a fim de me aprofundar em suas histórias de vida e de leitura. Além do mais, dentre os trinta e cinco livros identificados existem diferentes períodos históricos sobre os quais as memorialistas escrevem e inserem suas experiências.

Considerando as barreiras históricas, sociais e culturais enfrentadas pelas mulheres, no passado, para a sua alfabetização, escolarização, profissionalização e participação na vida pública, elegi um grupo de escritoras que nasceram entre 1843 e 1916, em diferentes cidades brasileiras, com diferentes percursos de instrução, com diferentes itinerários sociais, econômicos e culturais e, também, com diferentes projetos de realização pessoal e profissional no campo das letras.

Essa amostra parcial constitui-se de doze mulheres-escritoras cujos depoimentos biográficos revelam aspectos: da história social brasileira em relação a certos costumes, valores e tradições familiares; dos traços da cultura oral brasileira; de algumas práticas de sociabilidade; dos espaços de convivência no campo e na cidade; da influência

francesa nos hábitos e costumes oitocentistas; dos textos e impressos<sup>2</sup> em circulação na sociedade da época; dos modos de recepção, transmissão, socialização e divulgação dos escritos dentro e fora dos domicílios e de outros aspectos ligados à história da educação brasileira — os livros escolares, as práticas de ensino da leitura, o currículo nas escolas femininas etc.

Os doze títulos privilegiados referem-se às seguintes obras e escritoras:

- *Longos serões do campo*, de Anna Ribeiro de Goes Bittencourt. Nasceu na cidade de Catu, na Bahia, em 1843, e faleceu em 1930. Obra em dois volumes, editada, em 1992, pela Editora Nova Fronteira, através da participação de alguns de seus familiares.
- *Reminiscências de uma velha*, de Maria da Glória Quartim de Moraes. Nasceu na capital paulista, em 1850, vindo a falecer em 1937. Trata-se, também, de uma obra póstuma, editada em 1981 em co-autoria com a neta Yone Quartim. Seu livro foi publicado como uma produção auto-financiada dentre outros títulos da Coleção Vovó Vita.<sup>3</sup>

- *Isabel quis Valdomiro*, de Maria Isabel Silveira. Nasceu em São Paulo, em 1880, e faleceu em 1965. Filha da memorialista Maria da Glória Quartim de Moraes, Isabel publicou, em vida, suas memórias, compiladas pelo filho Miroel Siveira (também escritor) e editadas pela Livraria Francisco Alves, em 1962.
- *Reminiscências*, de Maria Eugênia Torres Ribeiro de Castro. Paulista de Piracicaba, cidade interiorana, nasceu em 1863, mas não há registro sobre sua data de falecimento. A primeira edição de seu livro foi realizada pela Editora Catedra, em 1975.<sup>4</sup>

<sup>2</sup> A distinção entre textos e impressos, isto é, entre processo de produção do texto (mise-en-texte) e processo de produção do impresso (mise-en-livre) diz respeito à proposição estabelecida por Chartier, 1996, p.95-96.

<sup>3</sup> Yone Quartim, escritora de literatura infantil e juvenil, edita a Coleção Vovó Vita nos anos 70. Entre os títulos da coleção consta *Videotape*, obra autobiográfica assinada por Yone e lançada em 1976. Essa coleção divulga outros títulos da autora e de outros escritores que ela procurou divulgar através da distribuição gratuita dos livros ou de sua venda por preços módicos. Entre os títulos aparecem: *O xenife* (1979), *O menino e o cigarro* (1979), *O estilingue* (1980), *O casaco* (1981), *Estórias que são histórias* (1975), *Batendo papo* (1978), *Onde está o lago azul que você me prometeu?* (1978), *Tamanho único* (1978), *Patrícia* (1980) e *Reminiscências de uma velha* (1981).

<sup>4</sup> Esse material a que tive acesso é uma reedição dos diários de Maria Eugênia, publicados pela primeira vez em 1893 e, ao que tudo indica, auto-financiada e com circulação restrita, pouco além do círculo familiar. O material é uma fotocópia encadernada e dela não constam a capa e o prefácio completo, portanto as indicações catalográficas são precárias e a ausência de informações sobre Maria Eugênia, em diferentes fontes biográficas, dificultaram a precisão e ampliação acerca de alguns dados.

- *Um livro sem título*, de Adélia Pinto. Pernambucana, nascida em 1879, vindo a falecer em data imprecisa, mas ao que se sabe depois de 1962 — ano em que publicou seu livro de memórias.
- *Oito décadas*, de Maria Carolina Nabuco de Araújo. Nasceu na cidade de Petrópolis, Rio de Janeiro, em 1890, e faleceu em 1981. Preparou e publicou seu livro de memórias em 1973, pela Livraria Francisco Alves.
- *Elos de uma corrente: seguidos de outros elos*, de Laura Oliveira Rodrigo Octávio. Nasceu em São Paulo, em 1894, e faleceu em 1996. A primeira edição, completamente esgotada, intitula-se *Elos de uma corrente*, publicada, no Rio de Janeiro, pela Editora Civilização Brasileira, no ano de 1974. Em 1994, D. Laura acrescenta novos elos preparando, assim, a segunda edição do livro em comemoração ao seu centenário de vida.
- *Por onde andou meu coração*, de Maria Helena Cardoso. Mineira de Diamantina, nasceu em 1903 e veio morar, aos dois anos idade, na cidade de Curvelo, Minas Gerais, falecendo em 1994.<sup>5</sup> A edição consultada data de 1974, obtendo a primeira publicação em 1967, pela Livraria José Olympio Editora.
- *Um grito de liberdade*, de Hemengarda Leme Leite Takeshita. Paulista da cidade de Franca, nasceu em 1903 e faleceu em 1986. Seu livro foi editado em São Paulo, pela Editora Alvorada, em 1984.
- *Os caminhos*, de Maria José Dupré. Nasceu em 1905, no sertão paranaense, e ainda muito pequena veio para Botucatu, São Paulo, vindo a falecer em 1987. Seu livro foi editado em São Paulo, pela Editora Saraiva, em 1969.
- *A carruagem alada*, de Maria de Lourdes Teixeira. Nasceu em São Paulo em 1907 e morreu em 1982. Seu livro foi editado pela Editora Pioneira, em 1986.
- *Anarquistas, graças a Deus*, de Zélia Gattai. Paulista, nasceu em 1916 e, entre as memorialistas selecionadas, é a única que se encontra viva. Seu livro é o primeiro dentre a coleção autobiográfica que ela produziu e

<sup>5</sup> Maria Helena Cardoso (Diamantina, MG, 1903 — RJ, 1994?). O sinal de interrogação aparece conforme a indicação feita por Hürbner, 1999, p.103.

conseguiu editar. Lançado em 1979 pela Editora Record, de São Paulo.

A partir dessa apresentação geral focalizo, a seguir, em um primeiro tópico, alguns aspectos teórico-metodológicos relacionados ao tratamento das fontes autobiográficas durante o percurso da investigação. Destaco algumas questões relacionadas ao uso da fonte literária enquanto fonte de informação sociológica e histórica para o estudo da leitura e de suas práticas.

No segundo tópico, apresento algumas características gerais acerca das doze obras memorialísticas privilegiadas. E, por fim, num terceiro tópico, proponho algumas considerações finais, sistematizadas como parte dos resultados desta pesquisa.

### ***Entre os fios da memória feminina***

*A casa dos espíritos*, filme inspirado no best-seller de Isabel Allende, traz para o centro da trama a protagonista Clara e outras personagens femininas: Blanca (sua filha), Alba (sua neta) e Ferula (sua cunhada). Uma história tecida a partir de um enredo místico e memorialístico nas terras de Três Marias, fazenda-cenário

onde Esteban Trueba (fazendeiro e, mais tarde, senador) opõe-se politicamente a Pedro (filho de um dos colonos). Os conflitos entre patrão e colonos fomentam a discussão sobre os direitos trabalhistas e a participação sindicalista. As tensões representam, no contexto macro-político, as divergências entre conservadores e a frente popular e o golpe militar ocorrido em 1973, no Chile, em função da vitória eleitoral do partido popular sobre os conservadores.

A memória feminina reconstitui essa história. É ela a chave para o passado que Blanca tenta compreender e transcender. O registro do cotidiano é a porta para revisitar os acontecimentos passados, ressignificar as expectativas e reavaliar a trajetória de lutas e alianças políticas ocorridas entre seu pai (Esteban) e seu amado (Pedro).

Para a abertura do enredo, recuperam-se fragmentos do discurso memorialístico produzido pela personagem Clara. Esteban, na velhice, retorna à fazenda em Três Marias. As lembranças dos primeiros anos de casado ao lado de Clara puxam os fios de sua história, contada nos diários que ela, desde menina, mantinha em uma grande caixa de uso pessoal. Essa caixa guarda os documentos de família,

pequenos adornos, fotografias e seus escritos íntimos. Ela é parte da herança deixada à sua filha Blanca com o propósito de ajudá-la a compreender a relação entre os fatos que se perdem no correr do tempo.

*É bom estar de volta. Nossa memória é frágil. Tudo acontece tão rápido que não dá tempo de entender a relação entre os acontecimentos. Minha mãe escreveu isso em seus diários para registrar o passar do tempo. Desde criança, escrevia tudo em seus diários para ver as coisas em sua real dimensão.*<sup>6</sup>

O trecho acima, retirado do diário de Clara, elucida a polêmica em torno da memória individual e social, os limites da memória, seu uso como fonte historiográfica e a veracidade das lembranças e reminiscências guardadas, conservadas nos labirintos da memória.

As fontes de investigação são geralmente parcas e de difícil documentalidade.<sup>7</sup> Não estão *a priori* prontas, mas exigem ser reformuladas, recompostas e reconstituídas como documentos datados e inseridos num tempo e espaço. Elas trazem informações que devem ser necessariamente convertidas em dados e são os próprios dados que levam,

em boa parte das vezes, à busca de novas fontes de informação e diálogo.

Em minha travessia pelas memórias femininas não foi diferente. As memórias exigiram outros textos-documentos para complementá-las, dadas as omissões ou apagamentos da memória, dadas as descontinuidades e rupturas na produção historiográfica e sociológica já produzida sobre a leitura e a história da educação brasileira.

As memorialistas das quais me aproximei nesta investigação utilizam a memória como recurso de representação da experiência, de revisitação do passado e de auto-perpetuação de suas identidades. Os diários, enquanto anotações pessoais, servem como material de leitura, como exercício de uso da escrita, já que às mulheres privava-se o direito de participação efetiva na sociedade e, especificamente, no campo das letras. Tanto assim que a escritora Júlia Lopes de Almeida, quando menina, escondia seus escritos com receio de que o pai pudesse encontrá-los e, mais que isso, pudesse lê-los.<sup>8</sup> A escrita feminina

<sup>6</sup> Trechos reproduzidos do filme *A casa dos espíritos*, do diretor Bille August (*Palma de Ouro*, em 1988, e *Oscar de 1989*).

<sup>7</sup> Ver *Le Goff*, 1994, p.535-549.

<sup>8</sup> *RIO, João do. O momento literário. Rio de Janeiro: Garnier, s.d. (Biblioteca pessoal José Mindlin, em São Paulo).*

ficou, por muito tempo, aprisionada entre as linhas dos cadernos pessoais, entre as paredes dos quartos de dormir ou entre as gavetas e armários que guardavam outros objetos e pertences femininos.

Os registros pessoais — *diários*, *memórias* ou *autobiografias* —<sup>9</sup> permaneceram, por décadas e décadas, obscurecidos na história da literatura brasileira e anônimos aos holofotes acadêmicos. Produzidos, muitos deles, por ilustres desconhecidas, esses papéis, obliterados pelo tempo e pelos canais de censura à escrita de autoria feminina, só vieram a ser ressignificados e publicados na década 60 e, particularmente, na década de 80, a partir da revisão paradigmática ocorrida nos campos das ciências sociais e humanas.

Essa literatura, considerada por alguns críticos como de menor prestígio, narra, sob um ponto de vista pessoal, as experiências individuais, os acontecimentos cotidianos, os contextos de convivência e as representações negligenciadas nos discursos oficiais. As biografias femininas foram mantidas à distância como documentação pouco confiável e, por isso mesmo, duvidosa. Só mais recentemente essas biografias têm sido retomadas e utilizadas como

fonte de documentação e de pesquisa, uma vez que desvelam temporalidades e práticas sociais em espaços diferentes dos atuais. Sobreviveram às imposições macro-estruturais e à negligência habitual que se faz da memória em solo brasileiro. São ricas como objetos de estudo, embora algumas escritas fujam às normas gramaticais, às exigências literárias e canônicas estabelecidas em um dado tempo e contexto.

Algumas correntes sobre o memorialismo sublinham a subjetividade operadora do “eu” narrador e interrogam a veracidade das reminiscências e a autenticidade na edificação de uma documentação sobre si mesmo. Para tanto, centralizam a atividade da (com a) memória como um discurso que cria um mito pessoal em torno do que se reconhece de si e a partir do desejo de se ver (re)conhecido por outros em um registro escrito.

No pólo extremo, a memória opera em torno de descobrir, desconstruir e desterritorializar o tecido com o qual se

---

<sup>9</sup> Neste trabalho os termos *memórias*, *autobiografias* e *diários*, enquanto escritas do tipo memorialístico, estão sendo consideradas como equivalentes, embora exista uma produção que aponta para algumas diferenças e singularidades. (Cf. Portella, 1959; Lejeune, 1975; Bruss, 1974, entre outros autores).

entremeiam presente e passado, ou seja, desfiando os “acontecimentos e sentimentos pretéritos” e recompondo e transformando essas experiências “numa urdidura sempre renovada, refeita, recriada, que não se encerra na busca do ‘eu’ perdido por uma subjetividade onipotente”.<sup>10</sup>

Segundo Wander Miranda,<sup>11</sup> a diferença dessa concepção incide na possibilidade de tomar a atividade da memorialista como um “lugar de reflexão, para que a memória, então problematizada, atue também como uma espécie de metamemória”.

Através da perspectiva objetivada por Ecléa Bosí, posso dizer que o narrador não busca recuar do presente para reviver os acontecimentos vividos tal qual eles ocorreram. O passado não está fielmente presente em nossas lembranças, em nossa memória. Algo sempre escapa ou torna-se inapreensível. Rememorar é uma atividade orientada pela atualidade, determinada pelo lugar social, referenciada pela gama de significados do imaginário social de um grupo, alimentada pelo relicário da vida pessoal e limitada pelas margens da própria atividade de escrita de quem registra.

Assim, o trabalho com as evocações é uma tarefa complexa em que “nada é

esquecido ou lembrado”.<sup>12</sup> Rememorar é recriar, no presente, o passado ou, em outras palavras, é uma reinvenção do passado pelo presente. O que é escrito nesse espaço de lembranças está movido por uma necessidade premente do momento atual. Em última análise, os supostos “lapsos” de memória não podem ser considerados apenas como “falhas” ou descontinuidades do que se tenta apreender do passado, mas, sobre um outro prisma, constituem partes do próprio texto em construção.

Por isso, quando numa investigação é utilizado algum depoimento biográfico, é importante apostar que as falhas e os apagamentos da memória, assim como os relatos e os dados objetivos narrados pelas lembranças, constituem, juntos, a fonte de informação a ser problematizada, consultada e analisada. As fronteiras entre memória e esquecimento são sutis e “dependem do resultado transitório de um conflito entre as forças que levam o passado à consciência e forças que o condenam ao esquecimento”.<sup>13</sup>

<sup>10</sup> Cf. Bosí, 1979, p.335.

<sup>11</sup> Cf. Miranda, 1988, p.43-60.

<sup>12</sup> Cf. Maluf, 1995, p.31.

<sup>13</sup> Cf. Maluf, 1995, p.34.

No caso específico deste estudo, interessei-me pelos textos e impressos em circulação, as leituras a que as mulheres tiveram acesso e das quais fizeram uso, os processos que as constituíram como leitoras e suas práticas sociais de leitura. Esses interesses definiram minha aproximação com outros estudos no campo da história social da leitura no Brasil, através das pesquisas desenvolvidas em torno do balanço crítico da produção editorial brasileira existente nos séculos XVIII e XIX, das formas de acesso e de circulação dos impressos, das trajetórias de escritores, editores e investidores estrangeiros e brasileiros, da produção literária brasileira, feminina e masculina, dentre outros temas.<sup>14</sup>

Os textos memoriais selecionados nesse estudo retomam tanto os fatos e acontecimentos da vivência individual quanto as situações e experiências de sociabilidade das mulheres em relação aos homens, às normas sociais e à égide católica própria ao contexto da época em que viveram.

Embora cada biografia pessoal organize-se por conteúdos, sobretudo do mundo privado, as memorialistas resgatam traços da vida pública, uma vez que recorrem às lembranças sobre as festas religiosas e populares, os rituais escolares, os hábitos

e costumes familiares, as descrições sobre o comércio, a indumentária, os modos de vida no campo e na cidade, as arquiteturas das escolas, das igrejas, vilas, cidades, casas e fazendas etc.

Para a reconstrução do passado, a memória ancora-se em artefatos culturais diversos: fotografias, textos jornalísticos, cartas, orações, versos, quadrinhas, músicas, descrições sobre o mobiliário e os aposentos, a estética das moradias e dos utensílios de uso doméstico, brasões de família derivados dos grupos de nobreza, livros escolares e outros.

Além dessas características, os projetos de escritura contêm marcas que indicam o universo de leituras lidas e censuradas, as modalidades de leitura (intensiva e extensiva), as partilhas em torno da escrita durante os serões domésticos, os saraus, os recitativos, as visitasões, os empréstimos e aluguéis de livros em

<sup>14</sup> Parte desses estudos podem ser recuperados através dos Anais do I Congresso Internacional de História da Leitura e do Livro no Brasil, realizado em Campinas, em outubro de 1998, pela ALB/Campinas e o CEAL/FaE/UFMG. Além dos trabalhos de pesquisa e de divulgação realizados pelo projeto Memória de leitura, em Campinas ([memoriadeleitura@campinas.iel.com.br](mailto:memoriadeleitura@campinas.iel.com.br)), a Editora das Mulheres, em Florianópolis ([www.editoradasmulheres.com.br](http://www.editoradasmulheres.com.br)), o Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre a Mulher (NEIM/UFBA) e o Núcleo "Nísia Floresta" de Estudos e Pesquisas sobre a Mulher e Relações Sociais de gênero, dentre outros.

gabinetes literários e outras formas de socialização da leitura.

Entre os conteúdos da memória, compus uma lista heterogênea de gêneros literários e não literários, lidos individual e coletivamente nos espaços de convivência da casa e da rua. Dessa lista de textos e impressos lidos e relembrados, as memorialistas reportam-se às leituras censuradas e consideradas como pouco indicadas à formação das moças. Dentre a literatura tomada como prejudicial, destacam-se autores como Alexandre Dumas (pai e filho), Balzac, Eugene Suè, Victor Hugo e Eça de Queiroz e, dentre os títulos contra-indicados, poderia citar: a *Coleção das moças*, de M. Delly, os romances da Condessa de Sègur, e os folhetins em rodápes de jornal.<sup>15</sup>

A partir dos textos lidos e censurados, procurei reinterrogar as memórias sobre os textos não lidos, ou seja, aqueles interditados às mulheres pelos códigos sociais da época ou pelas dificuldades de circulação, distribuição e socialização da leitura em diferentes regiões do país. A esse respeito identifiquei estudos que discutem a divulgação dos impressos no Brasil, tanto em relação à sua rede oficial: as livrarias, os alfarrábios, as bibliotecas

públicas, os gabinetes de leitura e os clubes recreativos e literários, quanto em relação à imprensa clandestina: as pequenas tipografias e o comércio ilegal de livros.<sup>16</sup> Nesse sentido procedi o levantamento de outras fontes de informação que constituíram o inventário bibliográfico de apoio à pesquisa.

Dentre as escritoras consagradas ou não pelos cânones literários e que conquistaram presença na rede editorial da época, aproximei-me de algumas delas que tiveram textos destinados à escola e que colaboraram na formação do público leitor feminino.

Pretendo, aqui, elencar apenas alguns nomes como, por exemplo, Presciliana Duarte de Almeida, diretora e colaboradora da *Revista literaria dedicada à mulher brasileira — A Mensageira* — publicada semanalmente, de 1897 a 1900, com a participação de escritoras como: Zalina Rolim, Maria Clara da Cunha Santos, Julia Cortines, Georgina

<sup>15</sup> Os folhetins são romances, comuns no século XIX, publicados em partes ou capítulos pela imprensa jornalística, a modelo do que acontece com as telenovelas brasileiras apresentadas em capítulos diários.

<sup>16</sup> A esse respeito ver os estudos de Sodré, História da Imprensa no Brasil, 1983; Hallewell, O livro no Brasil, 1985; Quadros, Estereótipos: literatura e edição no Brasil, 1993; Delgado, Cartografia sentimental de sebos e livros, 1999, dentre outros.

Teixeira, Perpetua do Valle, Ibrantina Cardona e outras. Júlia Lopes de Almeida, escritora de renome e popularidade nos meios literários, cujo título mais conhecido é *Contos infantis* (em co-autoria com Adelina Lopes), obra destinada à escola, recomendada pela Instrução Pública e que obteve edições sucessivas em tiragens significativas para a época. Dos livros em romances poderia citar: *A família Medeiros*, *A salência*, *Silverinha*, *Correio da roça*, *A viúva Simões*, e outras produções, como *O livro das noivas* e a *Maternidade* — temas de interesse feminino. Júlia Lopes teve, ainda, grande participação em jornais e semanários, como *A Mensageira*, *A Semana*, *O País* e a *Gazeta de Campinas*. Dentre as memorialistas que investiguei, poderia citar os nomes de: Anna Ribeiro de Goes Bittencourt, colaboradora no *Almanaque de lembranças luso-brasileiro*<sup>17</sup> e em periódicos de expressão religiosa na Bahia, como: *A voz* e *A paladina do lar*. Anna teve publicados diversos poemas e livros de romances, quase todos com títulos baseados em nomes femininos e que protagonizam seus enredos históricos, religiosos e moralistas. Além dessa memorialista, Carolina Nabuco, Maria de Lourdes Teixeira, Hermengarda Takeshita e Maria José Dupré deixaram uma lista

variada de romances, livros de literatura infanto-juvenil, traduções e participações em jornais e periódicos. Mulheres que enfrentaram os obstáculos e preconceitos de seu tempo para conquistar espaço de participação no mundo das letras brasileiras.

### ***Vestígios da memória: trajetórias de vida e de leitura***

Neste tópico reconstituo algumas características mais gerais identificadas nas doze obras memorialísticas das escritoras selecionadas em minha investigação.

Chamo a atenção para o fato de que essas dozes mulheres viveram realidades sociais semelhantes, articularam sua história pessoal com a história social, os costumes e as práticas dos grupos de que fizeram parte e escreveram seus depoimentos de vida como parte do legado cultural deixado a seus descendentes. Cada texto-memória expõe sua maneira de viver, seus modos de ver e de representar o cotidiano.

Entre os doze depoimentos eleitos, dois deles foram escritos no período da maioridade, como ocorreu com Isabel e

<sup>17</sup> Nesse almanaque, Ana Bittencourt fazia suas considerações às leitoras brasileiras, recomendando ou não certas leituras e autores.

Adélia, que escreveram por volta dos 40 anos. Os oito restantes são de escritoras que se dedicaram à memorialística em idade mais avançada, entre 70 e 80 anos de vida. Apenas Maria Eugênia e Maria da Glória escreveram nos tempos de meninas-moças e quando recém-casadas. Nesses dois casos, seus escritos vieram à público graças ao interesse de parentes próximos. É verdade que, no caso de Maria Eugênia, seu filho indica a existência de uma primeira publicação dos diários, em 1893. No entanto, como não foi localizada essa edição, trabalhei com a segunda publicação, organizada sob a forma de memórias, lançada em 1975.

Um outro ponto que aproxima o projeto autobiográfico dessas dozes memorialistas é o fato de elas se valerem de anotações do passado para a reconstrução das memórias e a elaboração, mais tarde, de seus livros. Essas anotações do passado aparecem, no caso de Isabel Silveira, de Anna Bittencourt, de Adélia Pinto, de Maria Helena Cardoso e de Carolina Nabuco como parte de seus registros pessoais feitos em diários particulares ou anotações esparsas sobre os fatos cotidianos. No caso de Laura Octávio, de Hermengarda Takeshita, de Maria José Dupré, de Zélia Gattai, de Maria de Lourdes Teixeira e,

também, de Carolina Nabuco, elas apóiam-se em registros de seus pais, mães, avós e outros parentes. Registros estes veiculados por meio das correspondências freqüentemente enviadas uns aos outros e pelo que se conservou de diários entre os familiares.

As narrativas femininas silenciam-se, no entanto, a respeito do universo masculino e das contradições existentes na sociedade em que viveram. São raras as contestações a respeito das condições desiguais entre homens e mulheres, talvez, pelo fato de suas identidades pessoais e femininas estarem muito marcadas por certos papéis e relações sociais, valores e modelos de submissão e subalternidade.

Quanto às experiências de instrução e de escolarização, os percursos de vida revelam tanto as vivências informais nos domicílios quanto as formais nos estabelecimentos de ensino (público e particular). Carolina Nabuco é a única que estudou em colégio interno francês, fora do Brasil, em função das viagens e oportunidades profissionais de seu pai, Joaquim Nabuco, como homem público. As demais memorialistas cursaram o primário e o secundário em escolas públicas e, no caso de Maria de Lourdes, sua formação escolar inicia-se no Colégio

de Irmãs Francesas de *Notre Dame du Calvaire*, em Campinas, e o restante do curso secundário é concluído em São Paulo.

Anna Bittencourt, Maria Eugênia de Castro e Adélia Pinto, no entanto, receberam a instrução básica nos interiores da casa com professores particulares, contratados para aulas avulsas de língua estrangeira, canto, dança, piano, conhecimentos gerais e língua pátria. Adélia e Anna, mais tarde, tiveram oportunidade de aprofundar seus conhecimentos em áreas de interesses, mas não ocuparam lugar nos bancos escolares, como as demais memorialistas. Todas as outras instruíram-se, primeiramente, nos espaços internos da casa, contando com a participação de seus pais ou de parentes próximos para o aprendizado da leitura, da escrita e das contas matemáticas. Só mais tarde vieram a cursar o primário, como revelam Maria da Glória Quartim de Moraes, Maria Isabel Silveira e Zélia Gattai. Quanto a Carolina Nabuco, Laura Octávio, Hermengarda Takeshita, Maria Helena Cardoso, Maria José Dupré e Maria de Lourdes Teixeira, não só cursaram o primário, como também o curso secundário.

Entre as doze memorialistas, apenas quatro não trabalharam fora do espaço doméstico. São elas: Maria da Glória, Maria

Eugênia, Isabel e Laura. As demais trabalharam no magistério e/ou colaboraram em periódicos e jornais, atuaram como tradutoras, revisoras e escritoras. Maria Helena é a única, entre as doze memorialistas, que atuou, por alguns anos, em serviço burocrático-administrativo antes de estrear no campo da literatura. Maria José, Hermengarda e Adélia se formaram e atuaram, por algum tempo, como professoras. No caso delas, a profissionalização no magistério serviu como meio de sobrevivência, já que seus itinerários de vida foram marcados por condições menos favoráveis do ponto de vista econômico e social.

Se são distintos os percursos de escolarização e de profissionalização das memorialistas, há, no entanto, interseções em relação às declarações sobre as experiências no campo das artes, do teatro e da cultura, na rede de relações sociais em que viveram e nas viagens realizadas dentro e fora do Brasil. Tudo isso permitiu a ampliação do repertório cultural e intelectual das memorialistas, principalmente para aquelas que lutaram pela conquista de espaço para a divulgação de seus trabalhos literários.

Para Anna Bittencourt, Isabel Silveira, Maria Helena Cardoso, Maria Eugênia de Castro e Maria da Glória Quartim de

Moraes, a escrita do cotidiano nasce de forma despreziosa, sem intenção prévia de publicação. Já para Hermengarda Takeshita, Laura Octávio, Zélia Gattai, Maria de Lourdes Teixeira, Maria José Dupré, Adélia Pinto e Carolina Nabuco, a escrita memorialística tem fins mais claramente objetivados, ou seja, a de se materializar sob a forma de livro. Tanto para aquelas que escreveram sem pretensões editoriais, quanto para as outras que esperavam tomar públicas suas lembranças, o traço comum é o desejo de conservar-se na posteridade por meio de um testemunho memorial tecido pelas experiências, vivências, reminiscências e suas representações acerca dos contextos e tempos vividos.

As reminiscências são registradas pelas memorialistas através de uma linguagem que retrata o cotidiano, num discurso em que, quase sempre, as rupturas e descontinuidades da escrita da memória marcam a despreocupação com a narrativa cronologicamente organizada. A literariedade das memórias não é comum a todos os projetos de escritura. Isso se deve, ao que tudo indica, à maior ou menor familiaridade dessas mulheres com o campo das letras. Nem todas se profissionalizaram como escritoras, embora todas elas revelem traços de

afinidade com o mundo da leitura e da literatura, já que desde pequenas estiveram em contato com diferentes textos e impressos.

A crônica sobre si mesma não pretende, portanto, ser uma construção ficcional do passado, mas re-memorá-lo e co-memorá-lo pelos conteúdos armazenados nos sótãos da memória e que passam, na velhice, a servir-lhes como elos entre dois tempos — passado e presente — num clima quase sempre nostálgico e saudosista.

Nos projetos autobiográficos de algumas escritoras a participação de seus familiares foi decisiva. Exemplo disso é o desejo de Clemente Marianni em tornar públicas as memórias de sua avó e mãe de criação, Anna Bittencourt. Mais tarde participaram também algumas netas e bisnetas, que fizeram desse desejo uma realização. As notas preparadas ao fim do livro de Anna, inventariadas a partir de uma série de documentos que a memorialista conservou durante décadas, foram selecionadas e acrescidas de novas notas a partir da pesquisa que a família faz na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro.

Nesse sentido, poderia dizer que a participação familiar na preparação da edição da obra memorialística de Anna constitui-se quase como um trabalho de

co-autoria. No caso dos depoimentos de Maria da Glória Quartim de Moraes e de Maria Eugênia de Castro, essa co-autoria fica mais evidenciada, pois as intervenções no texto, sua compilação e organização interna passaram pelo crivo da neta de Maria Glória — Yone Quartim — e do filho de Maria Eugênia — Flávio Torres de Castro.

Outra obra em que aparecem notas complementares, ao final do texto ou em rodapé, é o livro de Laura. Elas compõem e complementam o texto à medida que abrem informações que aprofundam certos assuntos ou referências a certos textos e a pessoas lembradas ao longo das memórias. Essas notas constituem-se como marcas que dão ainda mais veracidade e autenticidade às lembranças, pois o trabalho na reconstrução do passado é precedido da composição e articulação com outras fontes e informações.

### ***Reunindo fios da memória: algumas considerações finais***

Pretendo, a seguir, sistematizar algumas posições e idéias identificadas a partir da investigação das biografias femininas e do que elas narram sobre a formação das autoras como leitoras. São

posições que dialogam, coadunam e ampliam os resultados dos estudos mais recentes sobre a leitura no passado, quer numa perspectiva mais sociológica, quer numa perspectiva mais histórica.<sup>18</sup>

Da amostra, composta de doze depoimentos autobiográficos produzidos por mulheres nascidas entre 1843 e 1916, em diferentes cidades, no interior e capitais brasileiras, reconstituí parte das experiências, vivências e representações da leitura.

Essas experiências relacionam-se às formas de uso da leitura, às preferências de leitura (romances e poesias), às estratégias de aquisição dos impressos, às formas de censuras (sobretudo à leitura de romances), às práticas de leitura, individuais e coletivas, usadas na família, na escola, nos rituais de religiosidade e em outros espaços de sociabilidade, às modalidades (intensiva e extensiva) de leitura e as partilhas em torno do escrito por mulheres alfabetizadas e leitoras-ouvintes.

Pude evidenciar, também, certas condições de possibilidade da leitura feminina pela via da socialização dos

<sup>18</sup> *Refiro-me aos trabalhos de: Bicalho, 1989, Quintaneiro, 1995, Moraes, 1996, Mahf, 1995, Meyer, 1996, Trindade, 1996, Heller, 1997, dentre outros.*

impressos, ou seja, do que se dispõe materialmente no mercado livreiro e comercial em favor dos livros, periódicos, jornais e outros objetos de leitura, além do que as mulheres, efetivamente, tiveram acesso dentro e fora de seus domicílios, de seus quartos de dormir, nos porões e sótãos e nos espaços improvisados para suas leituras fugidias.

Suas histórias como leitoras avançam como objetos de análise no campo das práticas culturais à medida que recuperam cenários, contextos, situações e formas de sociabilidade ocorridas durante diferentes ciclos de vida que vão da infância à velhice, por meio das práticas promovidas nos quintais por ocasião das festas de São João e das Folias de Reis; nos espaços da rua durante as celebrações religiosas como: a procissão de cinzas, a missa de galo e as missões redentoras; nos interiores domiciliares, abrigos para os recitativos, os serões familiares e as visitas; nos espaços públicos de freqüentação aos teatros e cinemas e festas de rua como o Carnaval e tantos outros perdidos na memória individual e social.

Além disso, as trajetórias de vida e de leitura das memorialistas permitem a revisão das condições socioculturais e econômicas de seus familiares, os usos e funções da escrita, antes e depois do

casamento (para aquelas que se casaram). Permitem, também, identificar as maneiras, formas e modalidades pelas quais os impressos são transmitidos, repassados, lidos e conservados. Dessa forma, encena as práticas orais de contar e recontar histórias e a partilha dos textos e impressos adquiridos por estratégias formais — compras, assinaturas e subscrições — e as estratégias eventuais — os empréstimos, as trocas, as leituras em voz alta, envio de recortes de jornais por meio de cartas etc.

Entre os papéis que guardam memória, encontrei histórias acerca da trajetória escolar de mulheres que objetivamente chegaram aos bancos escolares e daquelas que cursaram além do ensino primário. Acompanhar essa trajetória foi rever aspectos da história da educação brasileira mediante as formas de educação promovidas por instituições públicas e as formas de instrução promovidas pela família através da contratação de preceptores, de professores particulares ou da atuação de seus pais, irmãos, pais e parentes no ensino das primeiras letras.

Entre as pistas que auxiliaram minha compreensão acerca dos processos de formação dessas leitoras, alguns aspectos mostraram-se mais evidentes. Entre eles

posso citar as representações sociais e pessoais que atribuem ao escrito uma função, uma importância, um valor simbólico e cultural, um determinado poder e um meio de censura e de controle das idéias. A posse, ou não, de certos objetos de leitura, conservados e mantidos em bibliotecas pessoais ou, na ausência de bibliotecas formais, guardados sob a forma de livros de prateleira, livros de gavetas, livros de armários e livros de oratórios.

Um outro aspecto evidenciado nesta pesquisa diz respeito às práticas da escrita diária e o uso dos escritos pessoais como objetos de leitura. A relação de títulos e de escritores/escritoras lidos e rememorados desde a infância põe sob suspeita os discursos mais tradicionais que acentuam o papel da mulher e a consideram apenas como a “rainha do lar”, submissa aos caprichos masculinos, escravas das tarefas domésticas e da criação dos filhos ou, para as mais abastadas, dedicadas ao ócio e aos prazeres frívolos.

Por fim, a publicização de diários, memórias e autobiografias como materiais de leitura literária revela a participação feminina na produção desse tipo especial de escritura e um percurso social e histórico da luta das mulheres na conquista

do direito à leitura e à escrita. Evidencia a participação que as mulheres tiveram e conquistaram no campo das letras e o quanto isso beneficiou a imprensa nacional, em particular a imprensa feminina, no século XIX, e que se consolida, efetivamente, a partir da década de sessenta do século XX.

Se, de maneira panorâmica, são esses os principais aspectos revelados nos autorretratos da leitura feminina no passado, devo apontar algumas lacunas e omissões que percebi no contato com as fontes-memórias, particularmente aquelas selecionadas para a amostra.

Essas lacunas referem-se, sobretudo, às lembranças da escola. Os espaços de educação de caráter institucional foram pouco privilegiados, mesmo pelas memorialistas que freqüentaram algum estabelecimento de ensino formal. A escola aparece mais como instituição socializadora do código escrito, ou seja, do ensino e da aprendizagem da tecnologia da leitura e da escrita do que, propriamente, como espaço formador do gosto da leitura.

Os retratos da escola brasileira, parcialmente reconstituídos pela memória feminina e contrastados com o inventário bibliográfico de apoio, revelam pelo menos dois aspectos mais

relevantes. O primeiro diz respeito às práticas escolares em torno da leitura. Ler e rezar, ler e disciplinar, ler e bem falar fazem parte de uma concepção sobre o fazer escolar. Um fazer constituído social e historicamente e, portanto constitutivo de efeitos sociais e históricos no quadro brasileiro. As horas de leitura na escola revezam-se com as horas de oração. Uma combinação que valoriza práticas em torno da memorização e do saber-de-cor, disciplina mentes e corpos em meio aos textos enfadonhos e infrutíferos que servem para ler e catequizar, como sublinhou uma das memorialistas pesquisadas.

Um segundo aspecto em relação ao ensino da leitura é que se no contexto do século XIX e, antes dele, ler relaciona-se à instrumentalização básica das cartas de ABC e, portanto, é um recurso de disciplinamento e de instrução mínima para o currículo das meninas, a escola enquanto espaço de socialização corrompe e transcende essa concepção da leitura e de seu uso. Corrompe porque a existência histórica e social da leitura naquele contexto de época, embora ligada à eloquência verbal e literária em torno dos escritos que se decorava e recitava, alarga sobremaneira o conhecimento das leitoras, à medida que

a literatura assume, como nunca, uma função social muito clara. Através da literatura francesa, inglesa, portuguesa e brasileira em circulação, as leitoras tomam posse de um vasto conhecimento sobre o mundo das letras e uma série de conhecimentos veiculados pelos diferentes objetos de leitura que leram.

A escola transcende seu papel como agência de socialização do ensino da leitura, uma vez que os espaços-bibliotecas oferecem livros e, portanto, ampliam o repertório de experiências de cada leitora. Além disso, o espaço escolar funcionava como uma rede informal e clandestina de livros, já que entre as alunas ocorriam trocas de livros, principalmente aqueles censurados pelo olhar vigilante das professoras. Assim, essas leitoras colocavam-se em fuga, ou seja, entregavam-se aos prazeres da leitura — das leituras furtivas feitas às escondidas.

As práticas de leitura ensinadas na escola, no entanto, não se constituem, segundo os depoimentos, em ações pedagógicas planejadas com o propósito de formar leitoras, de fomentar o gosto pela leitura ou de ultrapassar os limites da aquisição e interpretação do código escrito. O quadro político de instalação dos aparelhos formais de escolarização

pública, como também as casas de educação de ensino particular e confessional, não incorporavam a leitura enquanto uma atividade constitutiva e constituída por sujeitos culturais, criativos e interativos, como divulgam, hoje, os estudos recentes sobre a linguagem e o letramento escolar.

A escola, enquanto espaço socializador, revela-se parte integrante da formação das leitoras pois, dentro e fora das bibliotecas, as leituras circulam à contramão das leituras autorizadas, além da vigilância e do projeto escolar oficialmente instituído. Nesse sentido, a escola é um espaço para ler e sonhar. Os encontros secretos das leitoras com as leituras proibidas e os encontros marcados na biblioteca escolar são possibilitadores da formação da mulher, principalmente para as memorialistas que contaram com poucos recursos financeiros nas famílias.

Uma segunda lacuna que poderia destacar em relação às memórias femininas parece estar ligada ao estado da literatura brasileira, às condições de acesso a ela e sua divulgação em solo nacional. As referências aos escritores brasileiros, quando aparecem, são quase sempre em torno de nomes mais conhecidos, como os de José de Alencar, Vicente de Carvalho, Machado de Assis,

Joaquim Manuel de Macedo e Olavo Bilac, lembrados, mais freqüentemente, na fase de vida adulta de cada memorialista. Já na infância e mocidade prevalecem as referências à literatura francesa, portuguesa e inglesa.

A influência francesa aparece como uma forte marca nos costumes e formas de sociabilidade dos oitocentos e atravessa os primeiros anos do século XX ainda com certa força e impacto. Isso, no entanto, não é suficiente para compreender a dinâmica do mercado livreiro e editorial que se desenvolve no Brasil, a busca de sua autonomia e a consolidação de uma imprensa tipicamente brasileira. Se em alguns trechos da memória feminina as lembranças de leitura convergem para a literatura francesa, em livro e em folhetim, em relação à produção literária brasileira, de autoria feminina, os apagamentos são ainda mais expressivos. Representantes como Nísia Floresta, Amélia de Oliveira, Adelaide Castro Alves Guimarães, Evangelina de Lima Barreto, Amélia de Freitas Bevilacqua, Maria Angélica Ribeiro, Carmem Dolores, Luciana de Abreu, Ignês Sabino e tantas outras são negligenciadas, embora elas e outras mulheres tenham sido jornalistas, ficcionistas, poetisas, dramaturgas, ensaístas e sufragistas de grande destaque.

Desse modo, parece pertinente re-interrogar a história sociocultural brasileira sobre o porquê de tamanho silêncio em torno de alguns sujeitos sociais e, particularmente, em relação às escritoras e memorialistas brasileiras. Parece-me bastante importante para a pesquisa brasileira problematizar aspectos ligados às condições de atuação dessas mulheres nos bastidores da publicação e da socialização de seus escritos, obras e livros. Talvez, desse modo, outros estudos venham a apontar respostas para questões ligadas às condições de produção, publicação e veiculação dos escritos por brasileiros, mulheres e homens, num mercado complexo como o que os investidores estrangeiros, em particular os franceses, encontraram no Brasil do século XIX.

Essas perguntas, quando investigadas e confrontadas com resultados de pesquisa já consolidados, poderão descortinar, mais verticalmente, outras questões, como as que se relacionam a uma terceira lacuna evidenciada neste trabalho de investigação. Refiro-me à literatura clandestina e à participação de pequenas tipografias na história da leitura e literatura brasileiras. As obras memorialísticas não informam acerca do contrabando de leitura aportado

clandestinamente no Brasil. As pequenas tipografias eram perseguidas, muitas vezes, porque divulgavam ideais republicanos e anti-católicos. Essas lacunas convergem em torno dos processos de circulação, divulgação e socialização das idéias e da consolidação dos meios da imprensa escrita.

À luz dessas considerações poderiam emergir outros/novos aspectos ainda pouco esclarecidos sobre a cartografia social e histórica que se esconde atrás de cada objeto de leitura. Essa geografia cultural e socialmente engendrada descreveria, por hipótese, outros aspectos acerca dos modelos escolares, políticos, históricos, religiosos e conceituais presentes numa dada sociedade. Produz efeitos plurais à contramão da aparente homogeneidade por vezes traçada para as histórias sociais das leituras e das literaturas brasileiras.

Neste trabalho elegi a leitura, o memorialismo e o feminino como objetos e campos preferenciais de análise em relação a outros mais freqüentemente investigados no campo educacional. A aventura diante dos textos-depoimentos foi a de ser leitora em exercício de busca e de preenchimento das lacunas e interrogações acerca do estado atual da leitura — seus significados e

configurações culturais. Assim, me propus a “caçar em terras furtivas”, pois que todos os leitores, na verdade, “são viajantes; circulam nas terras alheias, nômades caçando por conta própria através dos campos que não escreveram, arrebatando os bens do Egito para usufruí-los”.<sup>19</sup>

### Referências bibliográficas

- BARTHES, Roland, COMPAGNON, Antoine. Leitura. In: *Enciclopédia Einaudi*, v. 11 (Oral/Escreto; Argumentação). Lisboa: Imprensa Nacional / Casa da Moeda, 1987. p.184-206.
- BICALHO, Maria Fernanda. O bello sexo: imprensa e identidade feminina no Rio de Janeiro em fins do século XIX e início do século XX. In: COSTA, Albertina, BRUSCHINI, Cristina (Org.). *Rebeldia e submissão: estudos sobre a condição feminina brasileira*. São Paulo: Vértice, 1989. p.79-99.
- BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade; lembranças de velhos*. São Paulo: T. A. Queiroz, 1979.
- BRUSS, Elizabeth W. L'autobiographie considerée come act littéraire. In: *Poétique*, Paris, n. 17, 1974. p.14-26.
- CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano*. Trad. Ephraim Ferreira Alves. Rio de Janeiro: Vozes, 1994.
- CHARTIER, Roger. *A História Cultural: entre práticas e representações*. Trad. Maria Manuela Gualhardo. Lisboa: Difel; Rio de Janeiro: Bertrand, 1990.
- CHARTIER, Roger (Org.). *Práticas de leitura*. Trad. Cristiane Nascimento. São Paulo: Edição Liberdade, 1996.
- CHARTIER, Roger. Crítica textual e história cultural: o texto e a voz, séculos XVI-XVII. In: *Leitura: teoria e prática*. Campinas, ALB, ano 16, n. 30, dez. 1997. p.67-75.
- DELGADO, Márcia Cristina. *Cartografia sentimental de livros e sebos*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.
- HALLEWEL, Laurence. *O livro no Brasil: sua história*. São Paulo: T.A. Queiroz / EDUSP, 1985.
- HELLER, Barbara. *Em busca de novos papéis: imagens da leitora no Brasil (1890-1920)*. Campinas: Instituto de Estudos da Linguagem / IEL, UNICAMP, 1997. (Tese de Doutorado.)

<sup>19</sup> Ver, a respeito, Certeau, 1994, p.225.

- HÜBNER, Hilda Agnes Flores. *Dicionário de mulheres*. Porto Alegre: Nova Dimensão, 1999.
- LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Trad. Bernardo Leitão et alli. Campinas: Editora da UNICAMP, 1994.
- LEUJENE, Philippe. *Le pact autobiographique*. Paris: Seuil, 1975.
- LEUJENE, Philippe. *Pour l'autobiographie: chroniques*. Paris: Seuil, 1998. p.11-58.
- MALUF, Marina. *Ruídos da Memória*. São Paulo: Siciliano, 1995.
- MARTINS, Ana Luiza. *Gabinetes de leitura da província de São Paulo: a pluralidade de um espaço esquecido (1890-1920)*. São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (Departamento de História), Universidade de São Paulo/USP, 1990. (Dissertação de Mestrado.)
- MEYER, Marlyse. *Folhetim: uma história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- MIRANDA, Wander Melo. Fios da Memória. In: *O eixo e a roda: memorialismo e autobiografia*. Belo Horizonte, FALE/UFGM, v. 6, jul. 1988. p.43-60.
- MORAIS, Maria Arisnete Câmara de. *leituras femininas no século XIX (1850-1900)*. Campinas: Faculdade de Educação, 1996. (Tese de Doutorado.)
- PORTELLA, Eduardo. *Dimensões I*. Rio de Janeiro: Agir, 1959. p.185-93: Problemática do memorialismo.
- RIO, João do. *O momento literário*. Rio de Janeiro: Garnier, s.d. (Biblioteca pessoal José Mindlin, S. Paulo.)
- QUADROS, Jussara Menezes. *Estereótipias: Literatura e Edição no Brasil na primeira metade do século XIX (1837-1864)*. Campinas: Instituto de Estudos da Linguagem/IEL, UNICAMP, 1993. (Dissertação de Mestrado.)
- QUINTANEIRO, Tania. *O cotidiano feminino no Brasil sob o olhar de viajeros do século XIX*. Petrópolis/RJ: Vozes, 1995.
- SODRÉ, Nelson Werneck. *História da imprensa no Brasil*. São Paulo: Martins Fontes, 1983.
- TRINDADE, Etelvina Maria de Castro. *Clotildes ou Marias: mulheres de Curitiba na Primeira República*. Curitiba: Fundação Cultural, 1996.

VIANA, Maria José Motta. *Do sótão à vitrina: memória de mulheres*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras/FALE, Universidade Federal de Minas Gerais, 1993. (Dissertação de Mestrado.)

WERNECK, Maria Helena Vicente. *Mestra entre agulhas e amores: a leitora do século XIX na literatura de Machado e Alencar*. Rio de Janeiro: Departamento de Letras, PUC-RJ, 1985.